

## CONTE-ME QUEM SOU: A FUNDAÇÃO DA IDENTIDADE DE NOVO HAMBURGO

### TELL ME WHO I AM: THE CONSTRUCTION OF IDENTITY IN NOVO HAMBURGO

Emerson Ranieri Santos Kuhn<sup>1</sup>  
Luiz Antonio Gloger Maroneze<sup>2</sup>  
Ernani Mügge<sup>3</sup>

**Resumo:** O início do século XX impulsionou a criação de inúmeras cidades com base na ideia força da modernidade. Esse processo intensificou a demarcação de diferenças e semelhanças culturais, demonstrando o que as novas localidades deveriam seguir ou negar em sua formação identitária. Os argumentos desse discurso, muitas vezes, eram determinados pelos grupos sociais que detinham o poder socioeconômico ou tradicional nessas cidades, sendo que, em vários momentos, esses processos constituíram-se por imigrantes ou por seus descendentes, como no caso de Novo Hamburgo. Tais grupos fomentaram elementos identitários a partir do jornal “O 5 de Abril”. Identificar as bases fundadoras da identidade local advindas desse processo de afirmação da cidade, auxilia na compreensão das representações de mundo, enquanto processo histórico. Para analisar esses elementos culturais utilizou-se a metodologia da análise de conteúdo, aplicada sobre os primeiros cinco meses de publicação do “O 5 de Abril” – edições entre maio e setembro de 1927 – o foco da pesquisa recaiu sobre a identificação das bases fundadoras da identidade local a partir do discurso do jornal. Verifica-se que os principais elementos narrativos utilizados pelo “O 5 de Abril” procuram reforçar a ideia de uma identidade local marcada pelo trabalho individual e progresso coletivo.

**Palavras-chave:** Identidade. Jornal. Modernidade. Cidade. Imprensa.

**Abstract:** The beginning of the twentieth century boosted the creation of countless cities based on the key idea of modernity. This process strengthened the delimitation of cultural differences and similarities, establishing which models those new locations should follow or dismiss while building their identity. Very often, the allegations in this speech were laid down by groups who had socioeconomic power, and at some moments, such processes arose from immigrants and their descendants, as in the specific case of Novo Hamburgo city. These groups fostered elements of identity from the newspaper “O 5 de Abril”. Identifying the foundations of local identity coming from the affirmation process of the city helps understanding the representations of the world, as a historic process. The content analysis methodology was used in order to study these cultural elements, and applied to the first five months of publication of “O 5 de Abril” – issues printed between May and September, 1927. The research focus has been the detection of the local identity foundation, from the newspaper discourse; and it can be observed that the main narrative elements used in “O 5 de Abril” seek to strengthen the idea of a local identity marked by individual work and collective growth.

**Keywords:** Identity. Newspaper. Modernity. City. Press.

### Introdução

A cidade de Novo Hamburgo fica localizada no Vale do Sinos, região metropolitana de Porto Alegre e, historicamente, desenvolveu-se a partir da manufatura de calçados e componentes de couro. Atualmente, a cidade possui cerca de 230.000 habitantes.

---

<sup>1</sup> Emerson Ranieri Santos Kuhn: Mestre em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE).

<sup>2</sup> Luiz Antonio Gloger Maroneze: Doutor em História (PUCRS). Professor permanente e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no PPG em Processos e Manifestações Culturais.

<sup>3</sup> Ernani Mügge: Doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana (UFRGS). Professor permanente e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no PPG em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Letras.

O presente artigo aborda a demarcação de uma identidade exclusivamente hamburguense, estimulada por um jornal local que se desenvolveu paralelamente ao movimento de emancipação da localidade de Hamburg Berg<sup>4</sup> do município de São Leopoldo, na primeira metade do século XX. Esse processo de formação e afirmação de uma identidade da cidade foi analisado como a busca de respostas para a questão “quem nós somos?”, uma vez que o jornal traz inúmeros elementos que remetem a essa criação, ao demonstrar uma representação da realidade local através de suas matérias selecionadas.

A partir das primeiras edições do jornal local “O 5 de Abril”, identifica-se o discurso do periódico sobre Novo Hamburgo, considerando a sua atuação na formação de uma identidade hamburguense. Para isso, utilizou-se a metodologia de análise de conteúdos sobre os cinco primeiros meses de publicação do jornal, de maio a setembro de 1927, focando na perspectiva qualitativa desse processo.

“O 5 de Abril”, denominação que presta homenagem à data de emancipação municipal, foi um semanário publicado entre 1927 e 1962, sempre às sextas-feiras. O periódico teve, no total, 1.811 edições ao longo de 35 anos. Assim, acompanhou grande parte do processo de formação histórica do município.

O jornal era composto por quatro páginas, organizadas da seguinte forma: na primeira, havia concentração de matérias de relevância para o município; a segunda informava eventos do cotidiano, como resultados de jogos e anúncios de eventos na comunidade; na terceira página, eram apresentados editais municipais e estaduais, bem como balanços da produção industrial municipal; a última página era dedicada aos anúncios de empregos, cursos e serviços oferecidos na cidade.

É interessante destacar que tanto o processo de emancipação do município quanto a criação do jornal foram protagonizados pelo mesmo grupo de indivíduos, membros da elite política hamburguense. Com isso, a comunicação através do jornal adquire uma aura de autoridade, o que reforça os argumentos veiculados como guias de formação de uma identidade local própria.

Considerando que Novo Hamburgo se localiza em região com intensa formação étnica germânica, cabe verificar em que medida o discurso de “O 5 de Abril” lida com a etnicidade enquanto elemento de formação identitária da cidade recém-emancipada, afirmando quem era o cidadão hamburguense nesse contexto.

---

<sup>4</sup> Hamburg Berg é o nome inicial dado à localidade do 2º Distrito de São Leopoldo, que, entre o século XIX e o início do XX, enfrentou o processo de constituir-se em uma nova cidade, tornando-se o município de Novo Hamburgo em 1927.

Além disso, será analisado de que forma a participação desse ator social nas raízes da região dialoga com o ideal de modernidade e progresso almejado pelo grupo de indivíduos à frente do processo de emancipação, levando em conta como esse processo municia possíveis respostas sobre quem seria o hamburguense da época, para esse periódico em específico.

### **De Hamburg Berg a Novo Hamburgo: emancipação e a ideia de progresso**

A modernidade é interpretada, no presente artigo, não como um período histórico delimitado, mas como uma ideia-força, a qual, de acordo com Morin (1992), é o encadeamento de forças que influenciou principalmente as cidades ocidentais ao longo dos séculos XIX e XX.

Conforme Hobsbawm (2009), a modernidade pode ser estabelecida como uma fase de transição e consolidação de novos paradigmas socioeconômicos e tecnológicos, principalmente entre a Primeira Revolução Industrial, passando pelo fordismo americano, a crise do imperialismo europeu, até as guerras mundiais e a grande depressão da primeira metade do século XX.

Nesse contexto de alterações, segundo Park (1979), a cidade se apresenta como o espaço central da cultura. É no âmbito deste urbano que ocorrem as principais alterações e confrontos de ideias, entremeadas pelo “rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote os mais variados indivíduos e sociedades” (BERMAN, 1985, p. 16).

Esse panorama de mudanças rápidas e profundas nas cidades modernas fez com que Park (1979) postulasse, com base em Oswald Spengler (1922), que é na cidade que a história é escrita, pois nela criam-se e sobrevivem os governos, a política, a religião e os discursos identitários. Assim sendo, muito dos fenômenos básicos da existência e lutas humanas são gerenciados na cidade, em seu núcleo urbano moderno.

No Brasil do século XIX, ocorre um intenso movimento de imigração, o que suscitou a formação de novas cidades, com especificidades baseadas no trabalho. Imigrantes de origem italiana e germânica estabeleceram-se principalmente nas regiões sudeste e sul do Brasil, estabelecendo uma nova dinâmica cultural nesse espaço. Para Hall (2006), o choque cultural proveniente de movimentos migratórios se relaciona com a ideia de hibridização das identidades, que diz respeito aos traços identitários dos imigrantes em processo de mescla com os nativos da nova realidade em que passam a se inserir, formando e afirmando perspectivas de identidades híbridas.

Segundo Gertz (2002), em Novo Hamburgo, o processo de imigração germânica iniciou em 1824, quando os primeiros imigrantes chegaram a São Leopoldo e, logo após, instalaram-se em uma região do município a qual denominaram de Hamburg Berg. Os principais objetivos desses imigrantes eram colonizar e produzir efetivamente. “Fazer a América” era o refrão e o projeto geral daquela imigração. Passado o processo inicial de assentamento, instaurou-se na região um

Ramo próspero e que caracterizaria toda a modernização e industrialização do futuro município, sendo o da utilização do couro para a fabricação de peças de montaria. Nicolau Becker, industriário e comerciante, estabeleceu-se em 1857, construindo curtume e selaria. O couro também era utilizado para a confecção de chinelos e sapatos com solas de madeira, feitos manualmente, o que deu origem a figura do ‘sapateiro’ (PETRY, 1944, p.13).

Esse ramo se configurou como embrião do processo industrial da cidade, e é em torno destas atividades, ligadas ao couro e ao sapato, que vai se constituir todo um sistema econômico e identitário específico, que definirá os rumos e os projetos materiais e simbólicos da comunidade.

No caso particular de Novo Hamburgo, observa-se que a ideia de “progresso” e modernização são referências constantes na formulação discursiva da imprensa local. Segundo Dupas (2006), o progresso é o processo que supostamente movimenta uma sociedade em uma direção benéfica para a maioria (ou, ao menos, para o grupo dominante), direção esta que leva a mais oportunidades de aplicações e melhoras na condição de vida. O referido autor, com base em Nisbet (1980), afirma que, da metade do século XVIII ao fim do século XIX, em muitos casos, a ideia de progresso estava associada ao crescimento econômico.

Entretanto, para compreender o processo de modernidade, é relevante refletir, também, sobre aspectos que vão além do econômico, como os políticos, geográficos, culturais e identitários.

Conforme Schemes (2006), na segunda metade do século XIX, Hamburg Berg consolidou o ramo industrial coureiro-calçadista e formou um grupo de indivíduos influentes dentro do município sede de São Leopoldo. O progresso industrial, conjuntamente com os ideais modernos, fez com que esse grupo exigisse maiores investimentos estruturais em seu distrito. O não cumprimento dessas exigências pela administração de São Leopoldo foi fator determinante para que o grupo de Hamburg Berg iniciasse um processo de emancipação da localidade.

A primeira iniciativa foi constituir a Comissão Pró-Vilamento, composta por representantes da elite política local: empresários, políticos, funcionários públicos e professores<sup>5</sup> (SCHEMES, 2006). Tal comissão endossou o argumento emancipacionista, organizando amplo material que trazia números da produção do setor coureiro-calçadista e reportagens de jornais sobre o destaque dos produtos locais no cenário regional e nacional. O dossiê foi enviado para o gabinete do presidente do Estado, junto com o pedido de criação de um novo município, no início da década de 1920. Nessa perspectiva, encontra-se a importância dada pelo grupo à imprensa escrita, o que se manifestaria de forma incisiva na criação de seu próprio jornal a partir da emancipação.

Conforme exposto por Schemes (2006), após debates acirrados, o gabinete de Borges de Medeiros acatou o pedido de emancipação, mesmo contrariando o município sede, e em 05 de abril de 1927, enviou um telegrama para o presidente da Comissão Pró-Vilamento declarando a emancipação do distrito e a criação do município de Novo Hamburgo:

Sr. José João Martins, presidente, e demais membros – Comissão Pró-Vilamento – Novo Hamburgo. Foi assignado hoje o decreto no. 3818 criando o município Novo Hamburgo pt Por outro decreto foi nomeado dr. Jacob Kroeff Netto seu primeiro intendente provisório pt Congratulações bons amigos afectuosas saudações (NH, 2005, p. 5).

Com o comunicado, um dos participantes da comissão começa a atuar como intendente local, em caráter provisório, até a realização das eleições, que ocorreram em junho de 1927. Como prefeito, é eleito Leopoldo Petry, que, além de participar do processo emancipacionista, foi um dos responsáveis pela criação e manutenção do jornal “O 5 de Abril”, baseado nos preceitos de modernidade e que teve como propósito evidenciar quem era e onde podia chegar o cidadão hamburguense.

### **O “5 de Abril” e a identidade hamburguense**

A elite política de Novo Hamburgo contava com dois pontos de atuação que se destacaram historicamente no processo de afirmação da identidade local. Primeiramente, formaram o grupo que lutou pela criação do município, para que eles mesmos pudessem gerir

---

<sup>5</sup> Pedro Adams Filho: Conselheiro municipal de São Leopoldo (1917-1925), dono da Fábrica de Calçados Rio-Grandense; Jacob Kroeff Neto: Deputado Estadual (1904-1929), advogado e administrador do Matadouro Kroeff; Leopoldo Petry: Secretário Municipal de São Leopoldo (1917-1923), criador do jornal “O5 de Abril”, foi também o primeiro Intendente Municipal de Novo Hamburgo (1927-1930); André Kilpp: Major do exército, coletor de impostos; Júlio Kunz: Empresário calçadista, no ramo de acessórios fabris; José João Martins: Empresário calçadista e presidente da Comissão Pró-emancipação; Carlos Dienstbach: Professor.

uma considerável parcela de investimentos e processos de modernização municipal. Em segundo lugar, criaram “O 5 de Abril”, que se torna o porta-voz local, transmitindo as representações de mundo da elite para o cidadão.

Pensar no jornal como um reproduzidor da “verdade” é uma concepção superada pelas ciências sociais. Todo o circuito de seleção do evento até sua publicação, conforme Luca (2001), é permeado por inúmeras escolhas e processos, são informações sempre permeadas por influxos do jogo de poder em um dado cenário; a construção histórica também não escapa destas forças que a circundam. Ambos trabalham com perspectivas e possibilidades de verdade, uma seleção de fatos que está sempre condicionada pelo presente e, conseqüentemente, por uma projeção de futuro.

Por retratar um período passado, o jornal se torna uma fonte histórica de informações, e é nesse sentido que Jenkins (2009) aponta o passado como algo que já aconteceu, mas que está à disposição dos historiadores, desde que haja algum suporte para evocá-lo e analisá-lo através de reconstruções com implicações do tempo presente.

No entanto, é necessário ter cuidado na forma de abordar as informações contidas nas páginas de fontes como jornais, pois, segundo Elmir (1995), toda informação foi escolhida e publicada com um determinado fim. É necessário esclarecer, assim, conforme Keske (2001), que o jornal é uma fonte que trabalha determinado recorte da realidade, sempre direcionado pelo olhar – ou pela “mão” de alguém –, ou seja, não existe neutralidade. O autor indica, ainda, que o jornal, ao selecionar determinados eventos, está criando realidades possíveis e representando um mundo, sendo que essa realidade publicada deve ter significado dentro dos discursos vigentes, caso contrário, não haveria sentido na reportagem e o jornal não teria apelo de circulação.

A verdade do jornal está condicionada ao discurso vigente, pois é a partir dele que os fatos são selecionados. Comparativamente a um jogo, enquanto a realidade mantém o espelho d’água, os discursos e as mídias vão introduzindo objetos, alterando o reflexo e a estabilidade do espelho, mas tomando o cuidado para não desfigurá-lo totalmente.

Dentro dessa lógica é preciso compreender o “O 5 de Abril”. Apesar de ter sido criado como porta-voz da cidade, ele traduz a perspectiva de mundo de um determinado grupo – a elite política do município – e não da coletividade hamburguesa de uma forma consensual. Essa forma de utilização do jornal era algo comum na época, pois muitos periódicos possuíam o intuito de transformar o povo em cidadãos produtivos e ordeiros, disciplinando as massas. “Procurava legitimar-se como expressão da *Vox populi*, mas representavam, de fato, a *Vox domini*” (CAPELLATO, 1991, p. 134).

O jornal “O 5 de Abril” representava, portanto, o desejo de um grupo influente que tinha como propósito a coesão social e o desenvolvimento do município. Ao retratar um recorte de mundo voltado para a modernidade e o progresso, estabelecia e consolidava esses ideais na identidade comunitária, com o propósito de aumentar o poder econômico da classe política local.

Para compreender as nuances do estabelecimento desses ideais, utiliza-se a metodologia da análise de conteúdo para aglomerar eventos e acessar determinadas informações, que, de forma isolada, não se destacariam. Conforme Bardin (1977), essa abordagem possibilita novas visões sobre os fenômenos da vida social.

O método da análise de conteúdo, nos moldes de Bardin (1977), consiste em cinco etapas: 1) Preparação das informações; 2) Unitarização; 3) Categorização; 4) Descrição; 5) Interpretação. Em suma, neste trabalho, esse encadeamento foi concebido como: 1) Leitura inicial, identificando os eventos ligados à identidade hamburguense; 2) Segunda leitura, identificando e transcrevendo os eventos que remetem aos argumentos que o jornal supre pela questão de “Quem eu sou”, enquanto hamburguense; 3) Elaboração e classificação das matérias identificadas; 4) Descrição do material selecionado; 5) Análise teórica do material identificado. Esse tratamento metodológico foi dado às 20 primeiras edições do jornal “O 5 de Abril”, entre o período de maio a setembro de 1927, focando a análise nas matérias de capa.

Os eventos selecionados giram em torno de possíveis respostas ao questionamento “Quem nós somos”, pois Novo Hamburgo, emancipando-se, passa a se valer de determinados elementos discursivos para demarcar sua diferença perante o ex-município sede. Foram observadas, nesse contexto discursivo, possíveis respostas ao questionamento apresentado.

### **A busca pela desvinculação étnica e a questão da hibridização**

Segundo Hall (2006), a identidade cultural é definida historicamente e está em mudança contínua, além de ser múltipla e, inclusive, contraditória. Uma identidade única e coerente é uma ilusão. Mesmo em épocas nas quais mais se valorizou uma estabilidade identitária, como na modernidade, ela não foi alcançada.

As identidades são manifestadas através da linguagem e só fazem sentido através de um sistema simbólico. De acordo com Woodward (2012), as identidades são relacionais, ou seja, dependem de algo fora delas, e participam de um sistema de oposições para se constituírem. Essa diferenciação pode ser marcada de várias formas simbólicas, como por meio de determinada pintura corporal, vestimenta, idioma, etc., além do pertencimento a uma

nação. Esse último caso diz respeito às identidades nacionais, bastante discutidas por Hall (2006). Na constituição de uma identidade nacional, é comum recorrer-se a um passado glorioso, nem sempre verdadeiro, mas que atua como elemento de unificação dos indivíduos, oferecendo a eles um sentimento de pertencimento a uma comunidade.

No caso de uma cidade em emancipação como Novo Hamburgo, a ideia era buscar a diferença sem recorrer ao passado, que foi colocado em segundo plano, já que este remetia ao município do qual intentava se desvincular. O objetivo era construir uma nova identidade, que dissesse respeito apenas a si próprio, centrada em um projeto de futuro. Portanto, estava no horizonte uma homogeneização cultural.

Velho (1998) esclarece que sociedades complexas são marcadas pela heterogeneidade cultural mas que, paradoxalmente, ainda precisam de algum tipo de homogeneização para realizar uma coesão mínima entre os grupos dos quais a sociedade é composta. Para o autor, a sociedade, no geral, é heterogênea, mas a homogeneização se faz presente através da globalização e da mídia.

No caso hamburguense, a mídia, através da veiculação das ideias de trabalho e progresso, foi fundamental para homogeneizar os cidadãos sob uma identidade que não diz respeito nem à uma etnicidade alemã, nem brasileira, mas a uma identidade local. Isso não significa que outras identidades não existissem ou que fossem apagadas, mas apenas que era necessário sobrepô-las com uma identificação mais abrangente e que estivesse diretamente relacionada ao objetivo de crescimento da cidade. Dessa forma, são elaborados argumentos básicos sobre quem era o cidadão hamburguense: “Diligente, operoso, pacífico, respeitador das leis, obediente aos costumes, [...] construindo, produzindo, e sobretudo trabalhando tenazmente e sem cansaços” (O 5 DE ABRIL, 1928, n. 36, p. 1).

A população local, sendo em grande parte formada por teuto-brasileiros, segundo o discurso do jornal, não se enquadra como alemã, tampouco como brasileira, ou seja, não coloca o nacionalismo em destaque, mas sustenta um territorialismo citadino. Portanto, não é a pátria-mãe que fundamenta o futuro, muito menos o país em que os descendentes dos imigrantes estão inseridos, mas a cidade e o fruto do trabalho individual que busca por melhorias coletivas. Esse ideal pode ser demonstrado no discurso de posse do primeiro intendente municipal e editor chefe do jornal “O 5 de Abril”:

Certo estou que todos compreendemos o peso da responsabilidade que hoje assumimos; porém trabalhar com harmonia com os olhos fitos unicamente em nossa ideal – a grandeza de Novo Hamburgo, tudo se tornará muito mais fácil, todo o peso mais leve, todo o trabalho mais ameno, todo o esforço mais agradável e poderemos iniciar uma obra em que as futuras gerações não precisarão reformar ou reconstruir,



mas em cuja as bases poderão elas continuar a erigir o grande monumento do progresso que se chama Novo Hamburgo, hoje villa, amanhã cidade, mas em todo o tempo um centro de trabalho. (O 5 DE ABRIL, 1927, n. 6, p. 1).

Hall (2006) admite que as identidades nacionais estão em declínio, mas que não serão dissolvidas, apenas se constituirão em novas identidades, híbridas. Além disso, elas não estão sendo aniquiladas; o que ocorre é que identidades regionais, locais e comunitárias estão se sobressaindo (HALL, 2006). Com o passar do tempo, elas se articularão entre si, gerando novas nuances identitárias. Ainda que Hall (2006) trate das identidades fragmentadas no contexto da globalização, é interessante pensar como Novo Hamburgo se inseria em uma situação similar, ao fazer com que uma identidade local se sobressaísse a diversas outras existentes.

O jornal “O 5 de Abril” demonstra assumir para si o dever de guiar a população local, a partir de ideais de uma elite política:

Verdade é que a ethica proíbe fallar em sociedade sob tais assumptos, um jornal, porém, que tem o dever de orientar o povo e instruí-lo, si for preciso, vê-se muitas vezes obrigado a tratar dos mesmos para preveni-lo dos perigos de que é ameaçado (O 5 DE ABRIL, 1927, n. 23, p. 1).

Segundo Woodward (2000), as mídias buscam dar respostas, reafirmadas constantemente, para suprir perguntas essenciais dos cidadãos como *Quem eu sou?*, *O que eu poderia ser?*, *Quem eu quero ser?* (WOODWARD, 2000, p. 17). Com isso, o discurso de quem seria o cidadão hamburguense estava presente em uma espécie de contrato social entre o jornal e os leitores.

“O 5 de Abril” abarcava uma das representações possíveis do mundo hamburguense, demonstrando uma identidade específica, determinando alguns pontos básicos de quem seria o cidadão local, como pode ser visto no seguinte excerto:

Um povo inteligente e trabalhador como é o desta terra, deve-se auxiliar mutuamente para que possa chegar as grandes finalidades em mira; deve fazer abstração completa de quaisquer outras preocupações que não sejam aquellas que interessam ao bem comum e ao progresso deste município (O 5 DE ABRIL, 1927, n. 10, p. 1).

No trecho citado, o periódico evoca a identidade de uma urbe inteligente e trabalhadora, que mantém o foco na busca pelo futuro e o progresso de todos, o que está de acordo com o discurso da elite sobre a emancipação da cidade. Um dos argumentos que sustenta o posicionamento é que, assim, poder-se-ia gerenciar melhor o capital de investimentos, uma vez que o cidadão incorporaria o sentimento de pertencimento à cidade,

que, em consequência, progrediria. Quando se afirma que o hamburguense é de determinada forma, ocorre o municiação dos argumentos que respondem às funções do cidadão.

Outra fundamentação desses preceitos é encontrada na 4ª edição do jornal:

As nossas industrias que sem favor nenhum, figuram em primeiro plano em nosso Estado e que, por longo tempo, honraram S. Leopoldo, elevando-o as culminâncias, formarão a base indestructível onde assentará o futuro e a grandeza do nosso município. O nosso commercio, si bem, não tem a proporção de nossas industrias, é entretanto de real valor, concorrendo também como índice seguro de nossa futura grandeza. Para comprovar o que vimos de dizer é bastante que se note os innumeros estabelecimentos industriaes e commerciaes que possuímos; a nossa vida social; emfim, com referencia a nossa villa, o seu grao de adeantamento, o seu florescimento architectonico, dia a dia enriquecido com a construcção de edificios que honrariam qualquer cidade civilizada (O 5 DE ABRIL, 1927, n. 4, p. 1).

Novo Hamburgo, nesse período, possuía cerca de 8.500 habitantes. Conforme o IBGE (2010), era o menor município do Brasil, em área territorial, no ano de 1927. Publicar que a cidade progride, mesmo nessa condição de menor município, é um indicativo de como o grupo político dominante interpretava a modernidade no nível municipal, e de como a identidade hamburguense era representada:

Ahi, pois, uma idéa do que vae pela nossa terra. E, conquanto não tenhamos um município grande na sua superfície, os temos, entretanto grande e immenso no seu comercio e nas suas industrias e, assim podemos confiar no nosso futuro que é o mais promissor possível.  
Nem outra perspectiva podemos ter, ante o que somos e o que possuímos em nossa querida terra que, graças ao labor de seus filhos, já é conhecida do outro lado do Atlântico como um dos adeantados centros de trabalho do Brasil (O 5 DE ABRIL, 1927, n. 4, p. 1).

Portanto, o jornal “O 5 de Abril” está inserido em um contexto de criação do município e de afirmação de uma identidade própria, em contraponto ao ex-município sede, cabendo a si demonstrar o que é Novo Hamburgo e quem é o hamburguense. Dessa forma, a grande parte das capas do jornal estampam reportagens que explicam ou idealizam o cidadão local, respondendo para a elite e para o indivíduo “quem nós somos”.

O direcionamento desses argumentos gira em torno da construção de uma identidade híbrida, com foco principal na cidade e no trabalho, como se ambos estivessem intrinsecamente ligados ao hamburguense. Sendo assim, o mais importante para o cidadão não era ser brasileiro ou germânico, mas hamburguense, pois era a partir desse ponto identitário que ele se localizaria e demonstraria seu valor. O valor social e discursivo dessa lógica está associado ao progresso advindo do trabalho industrial, principalmente no setor coureiro-calçadista.

## Conclusão

A elite política local de Novo Hamburgo cria um jornal que se utiliza do ideário moderno para moldar uma identidade ao nascente município. Rompendo com o passado “colonial”, atrelado à antiga sede, São Leopoldo, elabora-se um discurso centrado nas ideias de trabalho, progresso e ordem, muito influenciadas pela modernidade conservadora das décadas de 1920 e 1930.

Procurou-se demonstrar que esses elementos, em “O 5 de Abril”, estão relacionados a dois processos: o da ruptura com o município-sede e a criação do município de Novo Hamburgo e o das tensões entre os discursos identitários germânicos e brasileiros. Ainda que sejam processos distintos, são, no caso de Novo Hamburgo, complementares, uma vez que, para estabelecer uma ruptura administrativa com a cidade sede, era necessário, também, preocupar-se com as esferas sociais e culturais, o que envolvia o estabelecimento de uma nova identidade para uma nova cidade.

Através de um silenciamento de qualquer referência étnica, seja germânica ou mesmo brasileira, Novo Hamburgo, pelo seu porta-voz – “O 5 de Abril” –, opta por colocar em primeiro plano uma identidade local, cidadina, baseada no desejo de modernidade, na força da união e na preocupação de uma cidade recém-criada, com perspectivas de futuro baseadas no trabalho individual e no progresso coletivo.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70 edições, 1977.

BERGER, Christa; MOTTA, Luiz. Gonzaga. Narrativas jornalística: a história de Lula contada pelos jornais espanhóis. **FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, n. 21, p. 90-109, ago. 2003.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CAPELATO, Maria. Helena. Imprensa, uma mercadoria política. **Revista História e Perspectivas**, Uberlândia, n.4, p. 131 – 137, 1991.

5 DE ABRIL. Novo Hamburgo, RS, 27 de maio de 1927, Ano 1, n. 4, p. 1.

\_\_\_\_\_. Novo Hamburgo, RS, 10 de Junho de 1927, Ano 1, n. 6, p. 1.

\_\_\_\_\_. Novo Hamburgo, RS, 01 de Julho de 1927, Ano 1, n. 9, p. 1.

\_\_\_\_\_. Novo Hamburgo, RS, 29 de Julho de 1927, Ano 1, n. 13, p. 1.

\_\_\_\_\_. Novo Hamburgo, RS, 08 de Julho de 1927, Ano 1, n. 10, p. 1.

\_\_\_\_\_. Novo Hamburgo, RS, 07 de Outubro de 1927, Ano 1, n. 3, p. 1.

\_\_\_\_\_. Novo Hamburgo, RS, 06 de Janeiro de 1928, Ano 1, n. 36, p. 1.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso ou o progresso como ideologia**. São Paulo: UNESP, 2006.

ELMIR, Claudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos do PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n. 13, p. 19-29, dez. 1995.

ESPIG, Marcia. Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXIV, n. 2, p. 269-289, dez. 1998.

GERTZ, Rene. **O aviador e o carroceiro**: Política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**: História do breve século XX. São Paulo: Cia das letras, 2009.

JENKINS, Kieth. **A história repensada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KESKE, H. I. Título oculto derruba Ministro da Justiça. Zero Hora versus Correio do Povo na persuasão do leitor nosso de cada dia. **FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, n. 16, p. 148-160, dez. 2001.

LUCA, Tânia. Regina. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MORIN, Edgar. **Os problemas do fim do século**. São Paulo: Notícias, 1992.

NH, Jornal. **Telegrama**. Novo Hamburgo, RS, 05 de Abril de 2005, p.5.

PARK, Robert. Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PETRY, Leopoldo. **O município de Novo Hamburgo**. Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

SCHEMES, Claudia. **Pedro Adams Filho**: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901 - 1935). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: Notas para uma Antropologia das sociedades contemporâneas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012